

ABORDANDO A SEXUALIDADE NAS ESCOLAS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

André Guirland Vieira¹ e Ana Lucia Fontoura Cabral¹

RESUMO - A sexualidade refere-se a uma gama de comportamentos de certa complexidade, importante na construção identitária e a satisfação pessoal, ultrapassando os aspectos biológicos e genitais. O presente estudo buscou investigar de que forma a orientação sexual tem sido abordada nas escolas. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura nacional, com busca de artigos em três bases de dados: SciELO, PePSIC e LILACS, usando os descritores orientação sexual, educação sexual e escola. Foram selecionados 29 artigos e os dados apurados foram discutidos em três categorias: Educação em saúde sexual e reprodutiva; Percepção e conhecimento dos adolescentes; A percepção dos professores e o trabalho sobre a sexualidade. Os resultados apontam que ainda há um olhar biológico com relação à sexualidade, mais voltados às DSTs e às questões do corpo do que com os aspectos afetivos e de exercício da sexualidade de forma plena. Sugerem-se novos estudos para ampliar o conteúdo.

Palavras-chave: Adolescentes. Orientação Sexual. Educação

ABSTRACT - The sexuality refers to a range of behaviors of a certain complexity, important for identity construction and personal satisfaction, exceeding biological and genital aspects. The present study aimed to investigate in what way sexual orientation has been being approached at schools. It was done a integrative review of the national literature, searching articles in three databases: SciELO; PePISC and LILACS, using the keywords sexual orientation, sexual education and school. It was selected 29 articles and the collected data was discussed in three categories: Education in sexual and reproductive health, Perception and knowledge of adolescents; The perception of teacher and the paper about sexuality. The results pointed out that there is still a biological view in relation to sexuality, more related to STDs and the issues about the body than the emotional aspects and the full exercise of the sexuality. It is suggested new studies to expand the content.

Keywords: Adolescents. Sexual Orientation. Sexual Education.



Revista
Ciência e Conhecimento
Volume 11 – Nº 1 – 2017.



1 - Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Curso De Psicologia, Canoas, RS, Brasil.

E-mail para contato:
André Guirland Vieira
agvieira2010@gmail.com

Recebido em: 29/08/2016.
Revisado em: 28/10/2016.
Aceito em: 10/12/2016.

Área:
Atenção à saúde e bem-estar.

INTRODUÇÃO

A orientação sexual nas escolas é uma temática que vem tomando força no ambiente escolar, mas passa ainda por inúmeras dificuldades devido à falta de informação e uma posição mais firme dos governantes. Existe uma despreparação dos professores para lidar com a sexualidade, implicando em estagnação dos projetos na rede educacional. A sexualidade é inerente ao ser humano, é preciso, portanto ter um olhar menos preconceituoso em relação a este assunto. A escola tem um papel fundamental nesta questão, no sentido de mudar conceitos e educar. Na escola busca-se conhecimento, as crianças e adolescentes precisam refletir, discutir suas dúvidas e ansiedades para lidar melhor com sua sexualidade (EGYPTO, 2003).

Atualmente, os adolescentes têm ocupado um lugar de destaque dentro do contexto das políticas públicas, mais especificamente dentro da temática das Doenças Sexualmente Transmissíveis, gravidez precoce e aborto inseguro. Temáticas essas de extrema importância dentro da saúde pública que mobilizou órgãos oficiais como o Ministério da Educação e Cultura (MEC) que, por sua vez, estimularam projetos de orientação sexual nas escolas. O ponto alto deu-se em 1996 quando da inclusão da temática como Tema Transversal (TT) nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (ALMEIDA, NOGUEIRA, SILVA E TORRES, 2011).

Os autores acima postulam que a descentralização da orientação sexual em diversos campos disciplinares se constitui numa maneira de favorecer abordagens pluralistas e interdisciplinares. Olhando por esse ângulo, deveria haver um envolvimento e comprometimento dos professores de todas as disciplinas, diante das manifestações expressas nas verbalizações e de no modo de se comportar dos alunos. Além disso, o enfoque pedagógico na orientação sexual deveria privilegiar aspectos relacionados ao gênero, à sexualidade e à afetividade.

Sabe-se que muitas famílias privam seus filhos de uma orientação sexual voltada à emancipação, dado o valor negativo atribuído a sexualidade. Há uma crença de que os filhos são “seres assexuados”. Além disso, as famílias tendem a acreditar que o diálogo sobre as questões voltadas à sexualidade antecipa a prática sexual. A isso, soma-se o fato de os pais sentirem-se despreparados e tímidos para tratar de um assunto sobre o qual eles mesmos não foram orientados (GONÇALVES, FALEIRO E MALAFAIA, 2013).

A orientação sexual nas escolas não tem conseguido abranger as ansiedades dos adolescentes. Pelo contrário, a orientação sexual tem ocorrido de forma limitada, vinculada, principalmente, aos aspectos biológicos e reprodutivos do indivíduo, negando desta forma,

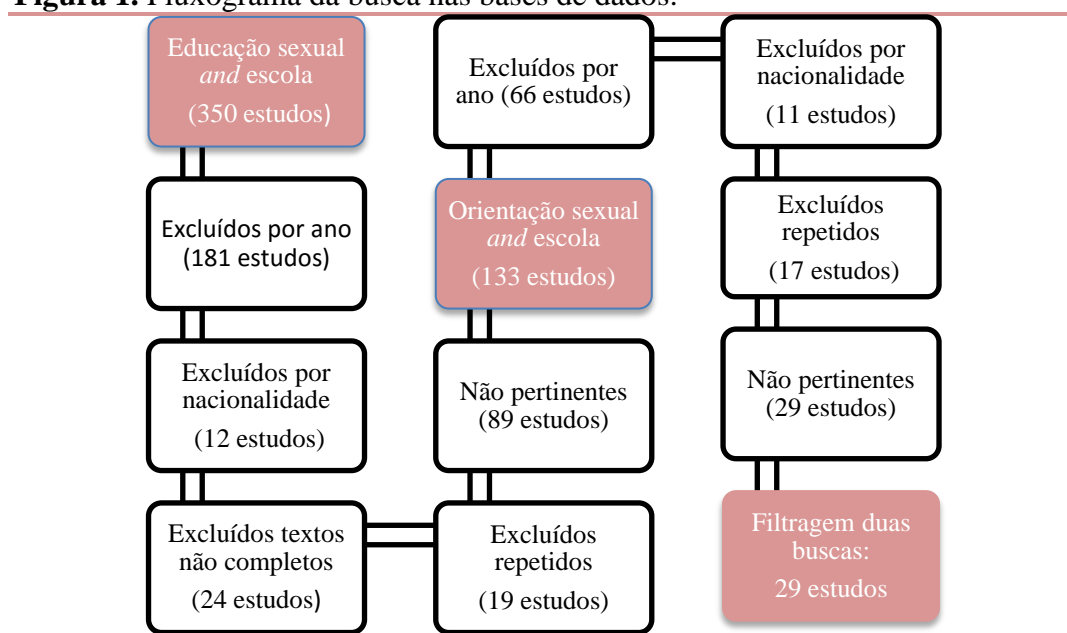
toda a amplitude prazerosa e benéfica que o exercício da sexualidade pode proporcionar. Tanto a sexualidade como a sua abordagem nas escolas e nas relações entre pais e filhos requerem uma atenção mais cuidadosa (GONÇALVES et al., 2013). Pela relevância do exposto acima, o presente estudo tem por objetivo investigar, através de uma revisão integrativa da literatura, a forma como a orientação sexual tem sido abordada nas escolas brasileiras.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura nacional. Buscou-se identificar artigos publicados no período de 2010 a 2015 que contemplassem os descritores “orientação sexual”, “educação sexual” and “escola”. A busca dos artigos ocorreu no mês agosto de 2015, nas bases de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e PEPsic (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), indexadas na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS-Psicologia Brasil). Como critérios de inclusão foram considerados válidos os estudos em formato de artigo, com texto completo disponível, no idioma Português/Brasil. Foram excluídas teses e dissertações. Após a filtragem dos artigos, os mesmos foram organizados numa planilha de Excel® contendo ano, referências, título, revista de publicação, tipo de estudo, população e área de estudo à qual pertencem os pesquisadores para que fosse possível realizar o cálculo das frequências.

Resultados e Discussão

Na busca realizada por meio dos descritores “educação sexual” and “escola”, foram encontrados 350 estudos distribuídos nas três bases de dados. Destes, foram excluídos 181 estudos fora dos anos de interesse, 12 por serem publicações de outra nacionalidade, 24 por não terem sido encontrados os textos completos, 19 por estarem repetidos e 89 por não serem pertinentes ao foco deste trabalho. Na busca seguinte, utilizamos os descritores “orientação sexual” and “escola”, foram encontrados 133 estudos nas três bases de dados. Após a filtragem por ano (66 estudos); idioma (11 estudos); teses (4 estudos); repetidos (19 estudos) e não pertinentes (29 estudos). A figura 1 mostra o fluxograma de seleção e filtragem de artigos, a partir da qual chegamos a 29 artigos considerados como pertinentes ao estudo.

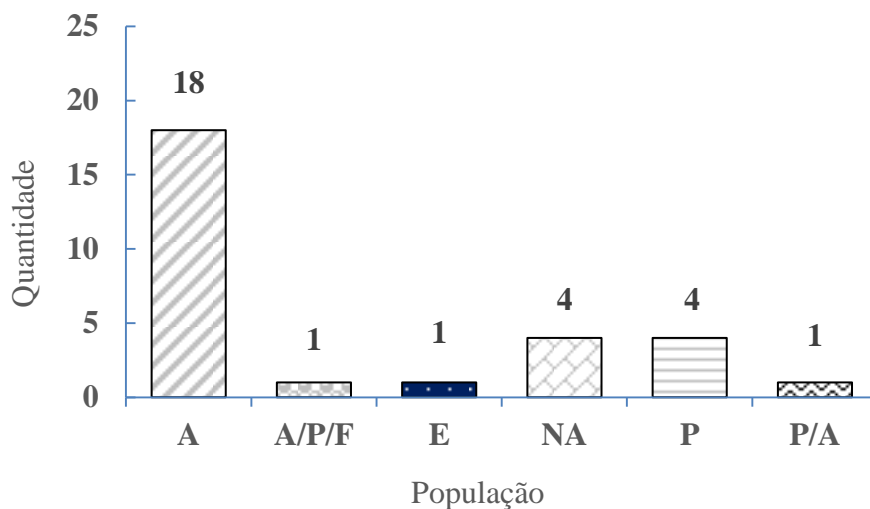
Figura 1. Fluxograma da busca nas bases de dados.

Fonte: Dados da pesquisa.

Dos artigos selecionados, a maioria foi publicada no ano de 2012, em que foram encontrados oito estudos (27,6%). Seguindo, foram encontrados sete estudos no ano de 2010 (24,1%), seis estudos no ano de 2011 (20,7%), três estudos no ano de 2013 (10,3%), três no ano de 2015 (10,3%) e dois estudos no ano de 2012 (6,9%).

Quanto à revista de publicação, foram encontrados dois estudos (6,9%) nas revistas *Ciência, Cuidado e Saúde, Estilos da Clínica, Revista APS, Revista da Escola de Enfermagem da USP, Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, totalizando 10 estudos (34,5%). Nas demais revistas: *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, Ciência & Saúde Coletiva, Educação em Revista, Epidemiologia e Serviços de Saúde, Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Estudos de Psicologia, Physis Revista de Saúde Coletiva, Psico-USF, Psicologia Argumento, Psicologia da Educação, Psicologia em Estudo, Psicologia: Teoria e Pesquisa, Revista Brasileira de Educação Médica, Revista de Educação Física/UEM, Revista de Enfermagem, Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro, Revista Eletrônica de Enfermagem, Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional e Saúde e Sociedade*, foi encontrado um estudo em cada, totalizando 19 estudos (65,5%).

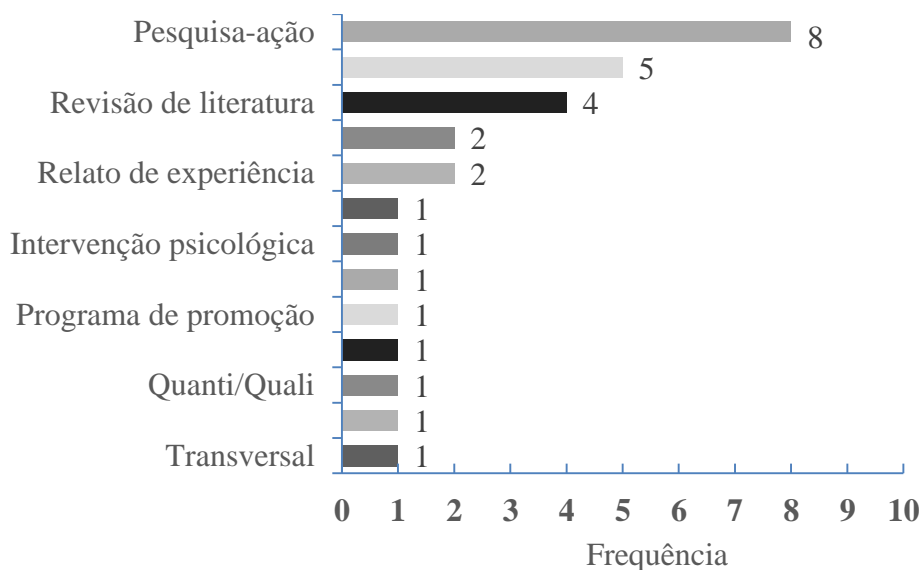
Figura 2. Distribuição dos artigos quanto à população.



Legenda: A = Adolescentes; A/P\F = Adolescentes, Professores e Familiares; E = Educadores; (NA = Não aplica/Estudo teórico) P = Professores; P/A = Professores e Adolescentes. **Fonte:** dados da pesquisa.

Pelo que demonstra a Figura 2, pode-se perceber que 18 estudos (62,1%) foram realizados com adolescentes, um estudo com Adolescentes, professores e familiares (3,4%), um estudo com Educadores (3,4%), quatro estudos não apresentaram população investigada por se tratar de estudos teóricos (13,8%), quatro estudos foram realizados junto a professores (13,8%) e um estudo com professores e adolescentes (3,4%), totalizando 29 estudos.

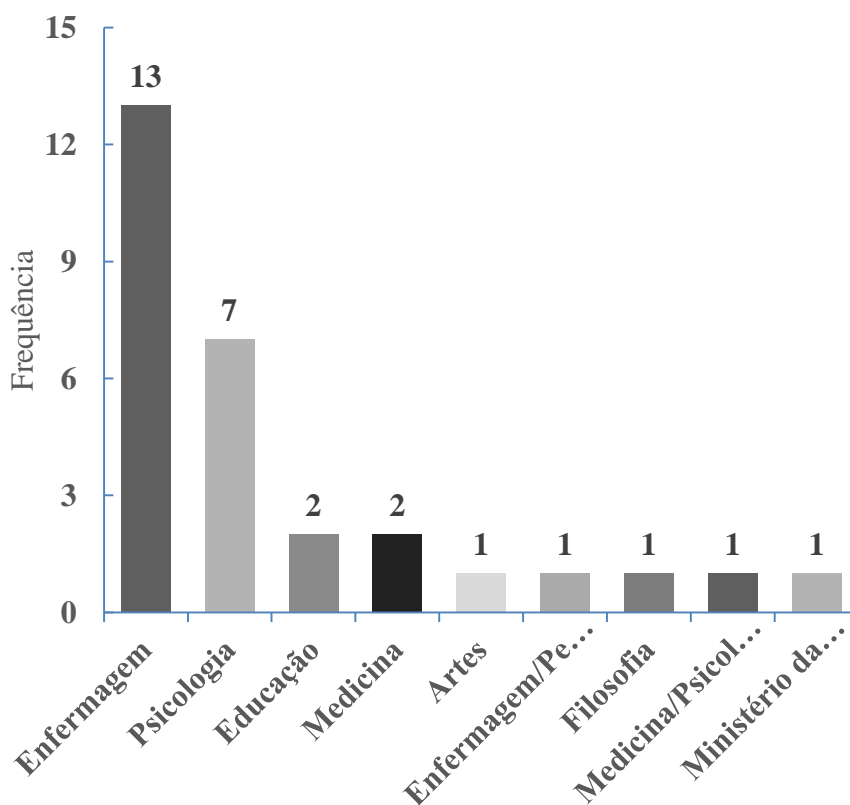
Figura 3. Distribuição dos artigos quanto ao tipo de estudo.



Fonte: Dados da pesquisa.

Na Figura 3, os artigos foram distribuídos conforme o tipo de estudo. Pode-se observar que a maioria tratou de estudos que usaram como delineamento a pesquisa-ação, num total de oito estudos (27,6%). Em sequência decrescente, cinco estudos com outros delineamentos qualitativos (17,2%), quatro revisões de literatura (13,8%), dois estudos descritivo-exploratórios (6,9%), dois relatos de experiência (6,9%), transversais, quantitativo, quanti\quali, Programa Preventivo, Programa de Promoção, Performance Teatral, Intervenção Psicológica e Inquérito Populacional, um estudo cada (3,4%), totalizando 29 estudos.

Figura 4. Distribuição dos artigos quanto à área de estudo.



Fonte: Dados do estudo.

No que se refere à área de estudo, pelo que se observa na Figura 4, a área responsável pela maioria das pesquisas foi a Enfermagem que totalizou 13 estudos (44,8%). Depois, em ordem decrescente a Psicologia com sete estudos (24,1%), Educação com dois estudos (6,9%) e Medicina com dois estudos (6,9%). Também foram encontrados estudos nas Artes, Enfermagem e Pedagogia, Filosofia, Medicina e Psicologia e Ministério da Saúde, um estudo (3,4%) em cada.

Quadro 2: Distribuição dos artigos quanto aos objetivos dos pesquisadores.

Nº	Objetivo dos pesquisadores
1	Relatar os efeitos das ações de educação em saúde junto à escola
2	Conhecer a percepção de adolescentes acerca das ações de orientação sexual realizadas em uma escola
3	Descrever e analisar o uso da pesquisa-ação como ferramenta na qualificação de professores para a educação sexual
4	Identificar a forma pela qual professores de Ensino Fundamental compreendem a sexualidade/sexo na escola
5	Integrar ensino e serviço de saúde
6	Refletir sobre a sexualidade e a educação inclusiva
7	Relatar o uso de jogos educativos como estratégia de educação em saúde para adolescentes
8	Verificar fontes de informação sobre saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e alcance das necessidades
9	Verificar como adolescentes lidam com a formação de conceitos sobre sexualidade
10	Descrever as orientações recebidas pelos adolescentes na escola quanto à saúde sexual, DST/AIDS, prevenção de gravidez e aquisição gratuita de preservativos
11	Refletir sobre as possíveis contribuições da psicologia para a efetivação das propostas apontadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais referentes ao trabalho de orientação sexual no contexto escolar
12	Investigar a sexualidade de adolescentes do sexo masculino com a implementação do círculo de cultura como ação educativa na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis
13	Descrever a experiência sobre a elaboração de um material educativo, o formato de performance teatral criada e encenada por adolescentes, como estratégia para a obtenção de uma atitude reflexiva e autônoma desses sujeitos, no campo afetivo-sexual e reprodutivo.
14	Investigar o entendimento de professores do Ensino Fundamental sobre a temática sexualidade humana e sexo
15	Compreender a percepção de adolescentes acerca de seu processo de adolecer saudável, no que se refere à sexualidade e reprodução
16	Oferecer educação sexual para adolescentes auxiliando-os para viverem com autonomia a responsabilidade sua sexualidade
17	Descrever a avaliação de um programa preventivo para adolescentes, professores e familiares

Continuação do Quadro 2: Distribuição dos artigos quanto aos objetivos dos pesquisadores.

18	Relatar a experiência de aplicação de um programa de promoção de habilidades interpessoais e direitos sexuais e reprodutivos para adolescentes
19	Investigar como professores de Educação Física compreendem o papel deste componente curricular no trabalho de orientação sexual nos anos finais do Ensino Fundamental
20	Descrever experiências de educação em saúde sobre gravidez e métodos contraceptivos
21	Identificar as contribuições teórico-metodológicas da Psicologia Escolar e áreas afins voltadas à formação de professores, para lidar com as questões relacionadas a gênero e sexualidade no contexto escolar.
22	Apresentar o relato de experiência acerca de uma intervenção educativa em relação à educação sexual com adolescentes escolares
23	Descrever e analisar as ações de educação e promoção da saúde sexual para adolescentes de uma escola de Ensino Fundamental
24	Abordar a demanda de uma escola dirigida ao Núcleo Interdisciplinar sobre a Adolescência da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
25	Investigar o conhecimento de adolescentes do sexo masculino referente a temáticas de cunho sexual/reprodutivo e a relação destas com as práticas sexuais adotadas
26	Identificar o que a literatura científica tem abordado acerca das doenças sexualmente transmissíveis relacionado ao escolar da educação básica do Brasil
27	Investigar a opinião de professores sobre a sexualidade e a educação sexual de alunos com deficiência intelectual
28	Discutir a proposta de distribuição de preservativos masculinos nas escolas a partir de uma pesquisa de campo sobre as percepções de professores e alunos adolescentes, de ambos os sexos
29	Mapear e discutir as propostas oficiais de educação sexual para adolescentes e jovens, previstas em documentos federais e estaduais, no estado de São Paulo

No Quadro 2, estão listados os objetivos dos pesquisadores dos artigos selecionados. Pode-se observar que os objetivos foram abrangentes de forma que englobaram diversos aspectos referentes à orientação sexual nas escolas. A educação em saúde tanto sexual como reprodutiva esteve em foco em 15 estudos em que foram investigadas questões referentes aos efeitos de intervenções realizadas (estudo 1), a integração serviço prestado e a saúde (estudo 5), o uso de jogos educativos na orientação sexual (estudo 7), orientações acerca da temática junto a adolescentes (estudo 10), doenças sexualmente transmissíveis (estudo 12 e 26), construção de material educativo pelos próprios adolescentes (estudo 13), autonomia e responsabilidade (estudo 16), avaliação de programas preventivos (estudos 17), experiência da aplicação de programa de habilidades interpessoais e direitos sexuais (estudo 18), gravidez (estudos 1 e 20) métodos anticoncepcionais (estudos 1, 20 e 28) e intervenções educativas

(estudo 22), ações voltadas à orientação sexual (estudo 23) e mapeamento de proposições oficiais (estudo 29).

O conhecimento sobre a sexualidade por parte dos adolescentes também foi priorizado tanto no que se refere à forma como os adolescentes a percebem (estudo 2), sua percepção sobre as orientações recebidas (estudo 8), em como eles lidam com seu conceito (estudo 9), como entendem o adolescer saudável (estudo 15), quanto às práticas sexuais adotadas (estudo 25), assim como um impasse de transmissão do saber sobre o corpo sexuado aos adolescentes (estudo 24). Os professores foram investigados no que diz respeito a ferramentas de qualificação para a orientação sexual (estudos 3 e 7), de que forma eles compreendem a sexualidade na escola (estudos 4, 14 e 19), como pensam a sexualidade na educação inclusiva (estudo 6 e 27) e no despreparo dos professores (estudo 11).

Os artigos selecionados nesta revisão, num total de 29 estudos abordaram diversas questões relativas à orientação sexual nas escolas e para uma melhor compreensão dos aspectos abordados a discussão foi dividida em três categorias. A primeira diz respeito à educação em saúde sexual e reprodutiva, enquanto que a segunda aborda a visão dos adolescentes sobre a sexualidade, e a terceira a visão dos professores sobre a mesma temática. As categorias foram escolhidas baseadas nas principais questões abordadas por cada estudo.

1ª Categoria: Educação em saúde sexual e reprodutiva

Quando se pensa em estratégias em educação em saúde que envolvem adolescentes dentro do contexto escolar deve se considerar diversos aspectos como o meio social, econômico e cultural que fazem parte da realidade deles. Da mesma forma como as estratégias precisam se voltar a refletir e discutir criticamente sobre a temática proposta (SOUSA, AQUINO, FERNANDES, VIEIRA & BARROSO, 2008).

Diante disso, Dias, Silva, Vieira, Pinheiro e Maia (2010) realizaram um estudo com 25 adolescentes de escola pública, utilizando a pesquisa-ação, que visou conscientizar os adolescentes sobre medidas de prevenção para DSTs e gravidez não planejada. A gravidez também foi problematizada no estudo de Coelho et al. (2012) em que foram discutidos métodos contraceptivos e no estudo de Russo e Arreguy (2015). Os autores dos referidos estudos apontam que intervenções voltadas ao uso dos preservativos - estratégia que evita tanto as DSTs quanto a gravidez não planejada-, devem ser debatidos reflexivamente com os adolescentes, em um espaço no qual a construção do conhecimento sobre o assunto não deve ser pensada unicamente como passar informações, pois não basta informa-los, mas envolvê-los na intervenção de forma dinâmica.

O estudo realizado por Barbosa, Dias, Pinheiro, Pinheiro e Vieira (2010) aborda o uso de jogos educativos durante o processo de orientação sexual. As autoras apontam que o uso do jogo educativo é uma prática exitosa, pois favorece a execução do processo educativo mediante a união entre informação, discussão, reflexão, interação e participação grupal. Aos adolescentes foi oportunizado um espaço para que pudessem esclarecer suas dúvidas, preencher lacunas do conhecimento e relação a prevenção das DSTs/AIDS. O estudo de Azevedo, Reis, Santos, Duarte e Boery (2014) evidenciou que questões relacionadas a DSTs são bastante difundidas em salas de aula, entretanto há falhas no esclarecimento, principalmente no que diz respeito ao entendimento sobre a transmissão e contaminação.

Complementando, o estudo de Baumfeld et al. (2010) apontou que se faz necessário o interlocutor oferecer orientação afetivo-sexual aos adolescentes, enquanto que o estudo de Malta et al. (2011) reforça que as intervenções direcionadas às DSTs e gravidez não planejada contribuem de forma significativa para a mudança de comportamentos relacionados à sexualidade.

Enquanto isso, o estudo de Beserra, Torres, Pinheiro, Alves e Barroso (2011) traz que as ações de promoção da saúde voltadas aos adolescentes devem contemplar a saúde sexual e reprodutiva. O estudo foi realizado numa escola pública com 10 adolescentes do sexo masculino, com idades de 14 a 16 anos, e os resultados apontaram pouca compreensão das vulnerabilidades às quais estão expostos, ainda mais diante da precocidade do início das práticas sexuais, além de que há uma predominância em associar sexo com sexualidade. Em contrapartida, o estudo de Souza (2011) foi realizado com 12 estudantes de 14 a 18 anos em uma escola pública e para a obtenção de uma postura reflexiva e participativa dos adolescentes, estes foram estimulados a desenvolverem material educativo, por meio de uma performance teatral o que oportunizou a ampliação das vivências e a ressignificação dos conhecimentos prévios.

Já outros dois estudos realizados por Murta et al. (2012) ampliou sua intervenção, pois além de englobar questões sexuais e reprodutivas, os autores incluíram a resiliência e habilidades sociais assertivas. Além dos adolescentes (n=54), as oficinas também foram realizadas com professores (n=11) e foram incluídas visitas domiciliares a famílias (n=7). Ao final da intervenção os adolescentes referiram melhoria na qualidade de comunicação com os pais, prática de sexo seguro e tolerância à diversidade. Os professores expressaram uma maior disposição para fortalecerem a rede social dos adolescentes enquanto que os familiares buscaram os serviços da comunidade recomendados na intervenção.

Quanto às dúvidas mais frequentes dos adolescentes, o estudo de Martins, Horta & Castro (2013), realizado junto a 40 adolescentes com idades entre 11 e 13 anos, por meio de oficinas, identificou se tratar de questões voltadas à puberdade e ao início da sexualidade. As autoras referem que o uso de uma metodologia participativa oportunizou uma ampliação dos conhecimentos sobre a puberdade e sobre a prática sexual com segurança e responsabilidade.

Já no estudo de Nau, Santa, Heidemann, Moura e Castillo (2013) do qual participaram 45 adolescentes das 7^{as} e 8^{as} séries, os temas de investigação levantados pelos adolescentes foi adolescência, sexualidade, DSTs e métodos anticoncepcionais. Para a coleta dos dados foi utilizado o método Paulo Freire que oportuniza aos adolescentes um papel ativo no processo educativo proposto tendo o cuidado de valorizar as fontes culturais e históricas dos envolvidos. Dentro dos temas propostos pelos participantes, os autores notaram que houve um interesse maior nas temáticas que envolviam as mudanças emocionais e comportamentais que circundam a sexualidade e a adolescência.

Maia, Eidt, Terra e Maia (2012) realizaram uma intervenção objetivando auxiliar os adolescentes a viverem a sexualidade com autonomia e responsabilidade. Foram propostos 15 encontros semanais nos quais foram abordados diversos temas: identidade grupal e levantamento de expectativas, regras de convívio grupal, conceito de sexualidade, conceito social de adolescência, fisiologia e saúde, saúde sexual e reprodutiva, iniciação sexual, gravidez na adolescência, violência sexual, padrões de beleza e discriminação, gênero e diversidade sexual. No que tange aos resultados, as autoras apontam que foi verificado que os conceitos cotidianos trazidos pelos alunos, referentes à anatomia, fisiologia e saúde, foram sendo superados por conhecimentos científicos no decorrer dos encontros. Concomitantemente, a problematização envolvendo aspectos sociais e culturais ampliou o universo de significações dos alunos.

O último estudo desta categoria, realizado por Sfair, Bittar e Lopes (2015) faz um mapeamento das propostas oficiais de educação sexual para adolescentes e jovens em que a maioria das propostas (56%) vem do Ministério da Saúde. Embora grande parte venha da área da saúde, são indicadas ações intersetoriais com a educação em grande parte delas. Embora se perceba que a maioria das intervenções é realizada no contexto escolar, até porque ali se concentra grande número de adolescentes, há um predomínio de propostas por parte das áreas da saúde (SFAIR et al., 2015).

2ª Categoria: Percepção e conhecimento dos adolescentes.

O primeiro estudo desta categoria aborda a percepção dos adolescentes sobre ações de orientação sexual (FONSECA, GOMES e TEIXEIRA, 2010). Neste estudo, foram informantes 15 estudantes do ensino médio, com idades entre 15 e 17 anos, com dados coletados mediante abordagem qualitativa. Diante ausência de um diálogo com a família que dê conta das necessidades dos adolescentes sobre a sexualidade, ações voltadas a suprir essa lacuna foram consideradas positivas por eles. A abordagem qualitativa, conforme já foi apontado na categoria anterior, foi considerada uma das potencialidades do projeto uma vez que proporciona maior conhecimento e envolvimento dos integrantes.

O segundo estudo, realizado por Moura, Gondim, Lima, Sousa e Evangelista (2011) foi realizado entre 210 adolescentes. As autoras entenderam como positiva a percepção dos adolescentes sobre comportamento sexual saudável, em que predominou a ideia de prevenção de gravidez, embora tenha englobado outras questões como prevenção a DSTs e afetividade. Embora haja certa distância entre percepção e comportamento, a participação dos adolescentes nas oficinas pareceu influenciar de forma positiva nessa distância. As autoras referem que os adolescentes buscam informações sobre as questões de sexualidade junto a amigos, pai, outros familiares e professores. Entretanto, um resultado diferente foi encontrado no terceiro estudo, de Marola, Sanches e Cardoso (2011). Neste as autoras observam que grande parte dos 27 adolescentes com idades entre 13 e 19 anos que foram investigados não apresentou conhecimento adequado sobre o tema. Embora os adolescentes tivessem contato com o tema na escola e com a família, admitiram serem os amigos a principal fonte de informações. Disso se infere a necessidade de que espaços de discussão e orientação sexual sejam ampliados de forma a fomentar um maior interesse e participação dos adolescentes.

Ainda com o olhar voltado à percepção dos adolescentes, no quarto estudo, Araújo et al. (2012) realizaram uma pesquisa qualitativa com 10 adolescentes escolares. O conteúdo das entrevistas evidenciou um tema: sexualidade e reprodução na adolescência. Os adolescentes demonstraram sofrer pressão social dos pares para a precocidade da iniciação sexual. As autoras observaram que há necessidade de se preparar melhor os adolescentes para o enfrentamento de situações como: gravidez não desejada, primeira relação sexual, automedicação e receio de conversar com os pais.

O quinto estudo, realizado por Albuquerque et al. (2014), observou um elevado grau de desinformação quanto à contracepção, DSTs com aspectos do próprio corpo e da parceira baseados no senso comum, numa pesquisa realizada entre 54 adolescentes do 8º e 9º ano de três escolas públicas. Neste estudo foi constatado que há uma necessidade de que sejam discutidas as experimentações afetivo/emocionais/sexuais com práticas de políticas públicas

que venham a modificar o quadro de vulnerabilidade em que se encontram esses adolescentes. Além disso, precisa que sejam reforçadas práticas de orientação aos pais e professores sobre o papel a ser exercido pelos mesmos no que se refere à educação sexual.

O sexto e último estudo desta categoria (CUNHA & LIMA, 2013) reforça a desinformação dos adolescentes sobre a sexualidade. O trabalho realizado com adolescentes do sexto ano de uma escola particular mostrou um impasse na transmissão do saber sobre o corpo sexuado e a sexualidade em que ficou evidenciado o pouco conhecimento dos alunos. As avaliações realizadas sobre a temática resultaram em alto índice de respostas incorretas.

3ª Categoria: A percepção dos professores e o trabalho sobre a sexualidade

O primeiro estudo desta categoria foi realizado por Souza, Munari, Souza, Esperidião e Medeiros (2010) junto a 28 educadores de uma escola pública, entre os quais, diretora, coordenadores e professores. Foram realizados encontros grupais registrados e analisados descritivamente nos quais o objetivo delineado era descrever o uso da pesquisa-ação como mediadora da qualificação dos professores para a inclusão sexual no projeto político-pedagógico da instituição. O método de pesquisa-ação se mostrou como uma ferramenta para desenvolver autonomia e empoderamento dos professores, que demonstraram um avanço na produção de conhecimentos e práticas durante o período em que a pesquisa foi sendo desenvolvida, a saber, de março de 2006 a abril de 2007.

O segundo e terceiro estudo, realizados por Moizés e Bueno (2010) e por Jaques, Philbert e Bueno (2012), respectivamente, procuraram saber como os professores compreendem a sexualidade e o sexo na escola. No estudo de Moizés e Bueno, os resultados obtidos junto a 13 professores do ensino fundamental de uma escola pública apontaram que a compreensão dos discentes sobre sexualidade gira em torno das descobertas, desejo e autoconhecimento, que é algo natural, que envolve atração e necessidade de orientação sexual por parte da família, escola e psicólogos. Já no que diz respeito à temática sexo, esta foi compreendida como a prática do ato em si, interesse pelo sexo oposto em que circundam questões da fisiologia, mudanças de interesses conforme a idade, realização, amor e companheirismo. Enquanto que no estudo de Jaques et al. (2012), os autores perceberam uma forma restrita, mais voltada ao biológico, de os professores perceberem a sexualidade e o sexo. Houve relação com o comportamento das pessoas, com o prazer, ao cuidado com o corpo e a reprodução.

O quarto estudo, de Santos e Matthiesen (2012) foi realizado entre cinco professores, com um mínimo de 5 anos de experiência, em que foram investigadas as percepções

referentes à demonstração da sexualidade pelos alunos adolescentes. Foram percebidas preocupações com as alterações do corpo, crises afetivas, dificuldade em aceitação da homossexualidade, o gênero feminino como um gênero submisso.

O quinto e sexto estudo tratam da opinião dos professores sobre a educação sexual na educação inclusiva. O estudo de Maia, Reis-Yamauti, Schiavo, Capellini e Valle (2015) procurou saber a opinião de 451 professores sobre a sexualidade e educação sexual de alunos com deficiência intelectual. Segundo as autoras, a maioria (94,2%) percebe manifestações da sexualidade nesses alunos, em que aparecem o desejo de namorar, a ocorrência de perguntas, jogos sexuais e masturbação, comportamentos inadequados. Porém, quanto ao sentimento dos professores diante da percepção das manifestações mencionadas, 37,5% foram positivos, enquanto que 53,8% foram negativos, demonstrando o incômodo dos professores. Diante disso, os professores admitiram despreparo e, portanto, a necessidade de um preparo pessoal e profissional para lidar com a questão. O despreparo dos professores para abordar a sexualidade nas escolas foi investigado no estudo sétimo estudo, de Moura, Pacheco, Dietrich e Zanella (2011). Além disso, a necessidade do apoio da escola e a participação das famílias no processo.

O estudo de Prioste (2010), reforça o incômodo que essa temática causa nos educadores, bem como o estudo de Gesser, Oltramari, Cord e Nuernberg (2012), que foca na questão do despreparo dos professores para lidarem com questões voltadas à sexualidade. De forma pertinente, os autores discorrem sobre a sexualidade no âmbito da mídia na qual as crianças têm contato com conversas sobre sexo, músicas e programas com teores eróticos, enquanto que na escola esse tema ainda sofre resistência por parte dos educadores. A perspectiva biologizante também se fez presente no discurso dos professores. *“Eu tenho percebido que ela está com a sexualidade aguçada, aflorada. Ela mostra os seios”* (GESSER et al., 2012, p. 18).

Outro aspecto relevante encontrado nos relatos desses professores foi a culpabilização dos pais pela falta de orientação sexual dos alunos com deficiência, como mostra o relato de uma professora que se opôs a trabalhar sobre a sexualidade porque *“veja, já tivemos casos seríssimos dentro deste assunto... foram até na delegacia processar o professor... e tem pais que agrediram o professor”* (PRIOSTE, 2010, p. 15). O processo de inclusão conduzido sem um preparo prévio dos professores é apontado como uma das dificuldades para se tratar de forma eficiente questões ligadas à sexualidade de pessoas com deficiência intelectual. A autora refere que o mal-estar diante daquilo que lhe é estranho causa impotência e angústias nos professores o que os faz reagir com repulsa e exclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi investigar de que forma a orientação sexual tem sido abordada nas escolas. Os achados apontaram que o trabalho de orientação sexual nas escolas ainda é falho, principalmente por não contemplar as necessidades de formação dos professores, que referem não se sentirem capacitados para tratar tal temática com os alunos. Em decorrência deste despreparo a educação sexual passa a ser dirigida no sentido de delimitar o certo e o errado, ao invés de propiciar uma educação da expressão sexual, articulando os prazeres às responsabilidades que implicam tal vivência. Da mesma forma, há uma carência de espaços que possibilitem a livre discussão sobre a sexualidade, o qual permitiriam a elucidação de dúvidas pertinentes ao desenvolvimento de cada indivíduo.

Os espaços de debates precisam ser ampliados, incluindo-se as diversas esferas sociais, desde a micro (a família) até a macro (a sociedade como um todo), e a educação sexual precisa ser vista como algo inerente ao processo do desenvolvimento humano a partir da infância, haja vista que a sexualidade se expressa desde cedo. O profissional da psicologia como promotor de mudanças, tem um papel preponderante nesse contexto e, portanto, precisa estar habilitado na busca de informações, leituras pertinentes, diminuição do preconceito e dos estereótipos atribuídos e vivenciados pelos sujeitos em seus relacionamentos. Os psicólogos necessitam atuar de forma mais expressiva diante de temas como DSTs, gravidez na adolescência, o papel do homem e da mulher, relacionamentos hetero e homoafetivos.

A priori, educar sexualmente deveria ser de responsabilidade da família, já que é nesse contexto que o sujeito se vê primeiramente inserido e em que as primeiras manifestações de sexualidade são desenvolvidas. Entretanto, percebe-se que, em muitos casos, a família não se sente preparada para tal, portanto não propicia aos indivíduos uma abertura para conversar sobre sexualidade. Ocorre então, uma transmissão dessa responsabilidade para o contexto institucional.

A descoberta do corpo, do prazer, do contato com outras pessoas é um momento rico e único e que deve ser direcionado a práticas saudáveis, evitando comportamentos de risco, o que só é possível dentro de uma realidade em que a educação e a orientação sexual se fazem presentes. Diante dessa realidade, urgem planejamentos, aplicações e avaliações de programas destinados à educação sexual de forma abrangente: os sujeitos, os professores, família e sociedade em geral.

Com esses programas acredita-se que crianças e adolescentes e as pessoas do seu entorno sintam-se capazes de um manejo saudável da sexualidade, de forma que eles possam

viver experienciando a vida de forma integral. Salienta-se que esse manejo saudável não está pautado em uma carga moral, mas, sim, pautado no direito de o sujeito vivenciar a sua sexualidade de forma plena e prazerosa.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, G. A. (). Saberes e prática sexuais de adolescentes do sexo masculino: impacto na saúde. *Revista de Enfermagem do Centro Oeste*, v. 49, n. 2, p. 1146-1160, 2014.
- ALMEIDA, S. A.; NOGUEIRA, J. A.; SILVA, A. O.; TORRES, G. V. (). Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio? *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 32, n. 1, p. 107-113, 2011.
- ARAÚJO, A. C.; LUNARDI, V. L.; SILVEIRA, R. S. DA; THOFERN, M. B.; PORTO, A. R.; SOARES, D. C. Implicações da sexualidade e reprodução no adolecer saudável. *Revista Rene*, v. 13, n. 2, p. 436-444, 2012.
- AZEVEDO, B. D. S.; REIS, C. C. A.; SANTOS, K. T.; DUARTE, A. C. S.; BOERY, R. N. S. de O. Análise da produção científica sobre doenças sexualmente transmissíveis e sua relação com a saúde escolar do Brasil. *Educação em Revista*, v. 30, n. 3, p. 315-334, 2014.
- BARBOSA, S. M., DIAS, F. L. A., PINHEIRO, A. K.B., PINHEIRO, P. N. DA C., & VIEIRA, N. F. C. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 12, n. 2, p. 337-341, 2010.
- BASTOS, O.; DESLANDES, S. F. Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 10, n. 2, p. 1-13, 2005.
- BAUMFELD, T. S. Autonomia do cuidado: interlocução afetivo-sexual com adolescentes no PET-Saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 26, Supl. 1, p. 71-80, 2010.
- BEE, HELEN. *O Ciclo Vital*. Artmed: Porto Alegre, 1997.
- BESERRA, E. P.; TORRES, C. A.; PINHEIRO, P. N. C.; ALVES, M. D. S.; BARROSO, M. G. T. Pedagogia Freireana como método de prevenção de doenças. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 16, Supl. 1, p. 1563-1570, 2011.
- COELHO, M. M. F.; TORRES, R. A. M.; MIRANDA, K. C. L.; CABRAL, R. L.; ALMEIDA, L. C. G. DE; QUEIROZ, M. V. O. Educação em Saúde com adolescentes: compartilhando vivências e reflexões. *Ciência Cuidado e Saúde*, v. 11, n. 2, p. 390-395, 2012.
- CUNHA, C. DE F.; LIMA, N. L. de. A escuta de adolescentes na escola: a sexualidade como um sintoma escolar. *Estilos Clínicos*, v. 18, n. 3, p. 508-517, 2013.
- DIAS, A. F. L.; DA SILVA, K. L.; VIEIRA, N. F. C.; PINHEIRO, P. N. DA C.; MAIA, C. C. Riscos e vulnerabilidade relacionados à sexualidade na adolescência. *Revista de Enfermagem, UERJ*, v. 18, n. 3, p. 456-461, 2010.
- EGYPTO, Antonio Carlos (org.). *Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante*. São Paulo: Cortez, 2003.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*. 17. ed, Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FREITAS, M. R. *Concepção de profissionais sobre a importância de uma proposta de educação sexual para deficientes mentais*. (Mestrado em Educação Especial) Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, 1996.
- GALE, JAY. *O adolescente e o sexo: um guia para os pais*. São Paulo: Best Seller, 1989.

- GESSER, M.; OLTRAMARI, L. C.; CORD, D.; NUERNBERG, A.H. Psicologia Escolar e a formação continuada de professores em gênero e sexualidade. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar*, v. 16, n. 2, p. 229-236, 2012.
- GLAT, R.; FREITAS, R. C. de. *Sexualidade e Deficiência Mental: pesquisando, refletindo e debatendo sobre o tema*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2007.
- GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *HOLOS*, v. 29, n. 5, p. 251-263, 2013.
- JAQUES, A. E.; PHILBERT, L. A. DA S.; BUENO, S. M. V. Significados sobre sexualidade humana junto aos professores do ensino fundamental. *Arquivos Ciência e Saúde UNIPAR*, v. 16, n. 1, p. 45-50, 2012.
- LAQUEUR, T. W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- LOPES, G.; MAIA, M. *Conversando com o adolescente sobre sexo: quem vai responder?* Belo Horizonte: Étnica, 2001.
- MAIA, A. C. B.; ARANHA, M. S. F. Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escolar. *Interação em Psicologia*, v. 9, n. 1, p. 103-116, 2005.
- MAIA, A. C. B.; EIDT, N. M.; TERRA, B. M.; MAIA, G. L. Educação sexual na escola a partir da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicologia em Estudo*, v. 17, n. 1, p. 151-156, 2012.
- MAIA, A. C. B.; REIS-YAMAUTI, V. L. DOS; SCHIAVO, R. DE A.; CAPELLINI, V. L. M; F.; VALLE, T. G. M. Opinião de professores sobre a sexualidade e a educação sexual de alunos com deficiência intelectual. *Estudos de Psicologia*, v. 32, n. 3, p. 427-435, 2014.
- MALTA, D. C. Orientações de saúde produtiva recebidas na escola – uma análise da Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar nas capitais brasileiras e no Distrito Federal, 2009. *Epidemiologia Serviço e Saúde*, v. 20, n. 4, p. 481-490, 2011.
- MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M.; CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. *Psicologia da Educação*, 33 (2º semestre), p. 95-118, 2011.
- MARTINS, A. S.; HORTA, N. C.; CASTRO, M. C. G. Promoção da saúde do adolescente em ambiente escolar. *Revista APS*, v. 16, n. 1, p. 112-116, 2013.
- MELO, M. R. de. *Educação sexual de deficientes mentais: experiências de professoras do ensino fundamental em Aracaju*, 2004. 114 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2004.
- MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010.
- MOURA, A. F. M.; PACHECO, A. P.; DIETRICH, C. F.; ZANELLA, A. V. Possíveis contribuições da psicologia escolar para a educação sexual em contexto escolar. *Psicologia Argumento*, v. 29, n. 67, p. 437-446, 2011.
- MOURA, E. R. M.; GONDIM, P. S.; LIMA, D. M. DE C.; SOUSA, I. O.; EVANGELISTA, D. R. Perfil sexual e reprodutivo e percepção de adolescentes na escola pública sobre comportamento sexual saudável. *Revista APS*, v. 14, n. 1, p. 58-56, 2011.
- MURTA, S. G. Direitos sexuais e reprodutivos na Escola: Avaliação quantitativa de um Estudo Piloto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 28, n.3, p. 335-344, 2012.

- MURTA, S. G. Programa de habilidades interpessoais e direitos sexuais e reprodutivos para adolescentes: um relato de experiência. *Psico USF*, v. 17, n. 1, p. 21-32, 2012.
- NAU, A. L.; SANTA, S. B.; HEIDEMANN, I. R.S. B.; MOURA, M. DA G.; CASTILLO, L. Educação sexual de adolescentes na perspectiva Freireana através dos círculos de cultura. *Revista Rene*, v. 14, n. 5, p. 886-893, 2013.
- OUTEIRAL, J. O. *Adolescer: estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PRIOSTE, C. Educação Inclusiva e Sexualidade na escola – Relato de caso. *Estilos da Clínica*, v. 15, n. 1, p. 14-25, 2010.
- RIBEIRO, H. C. de F. *Orientação sexual e deficiência mental: estudos acerca da implementação de uma programação*. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo, 1995.
- RUSSO, K.; ARREGURY, M. E. Projeto “Saúde e Prevenção nas Escolas”: percepções de professores e alunos sobre a distribuição de preservativos masculinos no ambiente escolar. *Pshysis Revista de Saúde Coletiva*, v. 25, n. 2, p. 501-523, 2015.
- SANTOS, I. L. DOS; MATTHIENSEN, S. Q. Orientação sexual e educação física: sobre a prática pedagógica do professor na escola. *Revista de Educação Física/UEM*, v. 23, n. 2, p. 205-215, 2012.
- SFAIR, S. C.; BITTAR, M.; LOPES, R. E. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. *Saúde Sociedade*, v. 24, n. 2, p. 620-632, 2015.
- SOUZA, M. M.; MUNARI, D. B.; SOUZA, S. M. B. de; ESPERIDIÃO, E.; MEDEIROS, M. Qualificação de professores do ensino básico para educação sexual por meio de pesquisa-ação. *Ciência, Cuidado e Saúde*, v. 9, n. 1, p. 91-98, 2010.
- SOUSA, L. N.; AQUINO, P. S.; FERNANDES, VIEIRA, N. P. C.; BARROSO, M. G. T. Educação, cultura e participação popular: abordagem no contexto da educação em saúde. *Revista de Enfermagem UERJ*, v. 16, n. 1, p. 107-112, 2008.
- SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer? *Einstein*, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.
- SOUZA, V. de. Adolescentes em cena: proposta educativa no campo da saúde sexual e reprodutiva. *Revista Escola de Enfermagem USP*, v. 45, Esp. 2, p. 1716-1721, 2011.
- VITIELLO, Nelson. *Sexualidade: quem educa o educador*. 2 ed. São Paulo: IGLU, 2000
- WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In G. L. Louro. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2.ed. Belo Horizonte: 2000.